

## “Acorda, Alice?”: Em busca do soldadinho perdido

### “Wake up, Alice?”: In search of the lost soldier

**Skárllat Mayana Kettle Furtado**

Universidade Federal do Amazonas  
kettle19@gmail.com

**Alberto Lopo Montalvão Neto**

Universidade Estadual de Campinas  
alberto.montalvaoneto@gmail.com

**Gledson de Lucas Silva de Jesus**

Universidade Federal do Oeste do Pará  
gledsondlucas@gmail.com

**Juliana Viana Rodrigues**

Universidade do Estado do Amazonas  
jvr.mca21@uea.edu.br

**Welton Yudi Oda**

Universidade Federal do Amazonas  
yudioda@yahoo.com.br

## Resumo

As narrativas têm se caracterizado como uma estratégia potente no âmbito do ensino, colaborando para a compreensão das representações e histórias de vida daqueles que estão inseridos nos processos de ensino-aprendizagem, ou seja, educadores e educandos. Considerando essa prerrogativa, no presente estudo partimos de narrativas autobiográficas para desenvolver o que chamamos de bionarrativas sociais. Com isso, visamos o autoconhecimento e o emergir de afetividades no Ensino de Biologia. No presente estudo temos como objetivo refletir sobre o desenvolvimento de uma bionarrativa social (Bionas), em busca de demarcar como essa produção autoral pode propiciar elementos para o autoconhecimento de professores e pesquisadores no que concerne ao Ensino de Biologia, e que estão em formação inicial ou continuada. Nossos resultados apontam as Bionas como uma materialidade potente para a valorização da diversidade e de singularidades de sujeitos e sentidos, num exaltar da relação homem-natureza.

**Palavras-chave:** bionarrativas sociais, narrativas autobiográficas, ensino de biologia, podscat, caravana da diversidade, autoconhecimento.

## Abstract

Narratives have been characterized as a powerful strategy in the field of teaching, collaborating to understand the representations and life stories of those who are inserted in the teaching-learning processes, that is, educators and students. Considering this prerogative, in the present study we depart from autobiographical narratives to develop what we call social bionarratives. With this, we aim at self-knowledge and the emergence of affectivities in Biology Teaching. In the present study, we aim to reflect on the development of a social bionarrative (Bionas), seeking to demarcate how this authorial production can provide elements for the self-knowledge of teachers and researchers regarding the Teaching of Biology, and who are in initial training or continued. Our results point to Bionas as a potent materiality for valuing diversity and singularities of subjects and senses, in an exaltation of the man-nature relationship.

**Key words:** social bionarratives, autobiographical narratives, biology teaching, self-knowledge, podcast, diversity caravan.

## Introdução

Na atualidade, diversos estudos apontam para a necessidade de um (re)pensar sobre o Ensino de Biologia. Esses estudos tratam de sensíveis temáticas, que vão desde estabelecer condições outras para relações de ensino-aprendizagem mais humanizadas e que dialoguem com a realidade dos alunos (SOUZA; REZENDE, 2016, DURÉ; ANDRADE; ABÍLIO, 2018, MATSUNO, 2021, entre outros), até refletir sobre a formação de professores, a partir de suas próprias narrativas, ou seja, num exaltar de histórias profissionais e de vida (BORTOLOCI; BAROLLI, 2009, SILVA, 2019, BARBOSA; FERREIRA; KATO, 2020, entre outros).

Matsuno (2021) aponta que os conteúdos escolares, muitas vezes, destoam da realidade dos alunos. Embasado nas teorias freireanas, o autor aponta que a escola é marcada por uma visão reprodutivista, num viés de educação bancária, a partir do qual o processo de ensino-aprendizagem frequentemente não dialoga ou questiona a realidade dos educandos. O autor salienta que este tipo de educação reproduz um viés elitista, que precisa ser desconstruído. Por conseguinte, essa desconstrução perpassa o Ensino de Biologia.

Como aponta Pagan (2018), se faz urgente a superação de um currículo escolar de Biologia ensino compartimentalizado, linear e dogmatizado. A autora menciona que essa superação consiste principalmente em sair das divisões em micro e macroescalas, que comumente são utilizadas como forma de exposição didática no âmbito disciplinar. Essa superação consistiria, então, em criar meios que abram margens para um ensino sobre a natureza, e que possibilite o autoconhecimento e o etnoconhecimento, ou seja, o entendimento do mundo a partir do conhecimento de si, numa outra relação homem-natureza.

Por sua vez, autores como Montalvão Neto, Miguel e Giraldo (2015), Souza e Resende (2016) e Montalvão Neto, Miguel e Justina (2021) apontam que o Ensino de Biologia tem se apresentado como desafiador, principalmente devido à complexidade de suas terminologias e conceitos, o que faz com que, muitas vezes, esses conteúdos estejam distanciados da realidade dos educandos. Ademais, para Souza e Resende (2016), há uma carência de metodologias que estimulem os alunos no processo de aprendizagem de determinados conteúdos escolares de Biologia, o que, muitas vezes, leva à desmotivação por parte dos discentes e a necessidade de busca de novas estratégias de ensino pelos docentes.

Considerando a necessidade de outros olhares mais humanizados em relação ao Ensino de Biologia e que tenham em sua centralidade os indivíduos com as suas subjetividades, afetividades e formas de ser/estar no mundo, no presente estudo, pautados numa perspectiva de ensino para o autoconhecimento, objetivamos refletir a respeito do desenvolvimento de uma bionarrativa social, em busca de demarcar como essa produção pode propiciar elementos de autoconhecimento para professores e pesquisadores, formados ou em processo de formação. Também chamadas de Bionas, de acordo com Barbosa, Ferreira e Kato (2020, p. 384), as bionarrativas “[...] podem ser definidas como um recurso educacional aberto (REA) que incorpora elementos multimodais para entoar diferentes vozes e histórias locais por meio de narrativas digitais e da relação entre arte e ciência”. Nesse sentido, as Bionas consideram identidades, memórias, histórias de vida dos sujeitos e suas territorialidades (KATO, 2020).

## Referencial Teórico

Neste estudo, nos pautamos na teoria do autoconhecimento. Nos últimos anos, essa questão vem sendo trabalhada por alguns autores no âmbito do Ensino de Biologia, como é o caso de pesquisas realizadas por Silva (2017), Pagan (2018) e Cereja et al. (2019).

De acordo com Pagan (2018), se faz necessário tratar de aspectos que relacionam os saberes que construímos sobre a natureza e o autoconhecimento, ou seja, aquilo que permeia o que sabemos sobre nós, enquanto seres humanos. Esse viés, que vai além do que os currículos tradicionalmente colocam para o Ensino de Biologia, se faz necessário para possibilitar outros modos de nos relacionarmos com a natureza, estabelecendo relações de alteridade com outras formas de vida. Conseqüentemente, para a autora, isso pode propiciar outros modos de compreender as noções de raça, sexo (sexismo) e espécie (especismo). Ao apresentar argumentos para a defesa desta tese, Pagan (2018, p. 73) diz que este “[...] relaciona a desumanização com a subjugação de membros da nossa espécie e das demais, bem como, que a humanização pode ser uma proposta para relações equitativas entre os diferentes seres vivos que habitam este planeta”.

Concordando com Pagan (2018) ao referir-se ao trabalho da autora, Barbosa, Ferreira e Kato (2020, p. 393) apontam que:

[...] os aspectos sócioafetivos promovem um ensino mais humanizado, sendo uma forma de (re)inaugurar um ensino inclusivo e que considere a diversidade de experiências e o autoconhecimento para romper com a pretensa construção ambivalente entre normalidade e anormalidade como forma de julgar e diferenciar os sujeitos válidos dos não válidos.

Nesse sentido, compreende-se que um ensino baseado na afetividade pode abrir margens para relações mais humanas e ressignificar a nossa própria relação com o conhecimento. Trata-se, portanto, da necessidade de um conhecimento de si, a partir daquilo que traz ao sujeito significações, a partir da consideração de sua singularidade e histórias de vida.

Na perspectiva de um trabalho educacional voltada para a diversidade, Abramowicz, Rodrigues e Cruz (2011) apontam que, diante de um apagamento das diferenças (sexuais, étnico-raciais, estéticas etc.) e da exclusão de diferentes grupos sociais, faz-se necessário uma “pedagogia do intolerável”. Então, se faz urgente “[...] a afirmação absoluta da vida, resistência do poder da vida contra o poder sobre a vida” (ABRAMOWICZ; RODRIGUES; CRUZ, 2011, p. 96). Em outras palavras, são necessárias formas de resistir, trazendo a subjetividade dos sujeitos à tona no processo de ensino-aprendizagem.



Em uma pesquisa que tem a centralidade na compreensão de sua própria trajetória, a partir de reflexões da inserção da autora em diferentes comunidades de prática e por meio de narrativas autobiográficas, Silva (2017) aponta para a importância de compreendermos a subjetividade e a singularidade de nossa própria história, em vez de voltarmos sempre à compreensão do geral e daquilo que é visto como objetivo. Para a autora, nossas histórias permitem leituras sobre a relação entre cultura e indivíduo, de tal modo que, ainda que não sejam recortes da história em seu sentido amplo, possibilitam uma outra visão sobre o ser/estar no mundo.

Considerando o exposto, assim como Silva (2017) o fez, neste estudo estabelecemos uma interlocução entre nossas histórias de vida e o literário, mais especificamente por meio de um (re)leitura da clássica obra “Alice no País das Maravilhas”, de Lewis Carroll (2022 [1865]).

### **Aspectos Metodológicos**

De natureza qualitativa, o presente estudo pauta-se nos aspectos teóricos e metodológicos das narrativas autobiográficas. De acordo com Passegi, Nascimento e Oliveira (2016), esse tipo de narrativa pode ser utilizado “[...] como fonte e método de investigação científica privilegiados para a pesquisa qualitativa em Educação”. De igual forma, consideramos que as narrativas autobiográficas são uma possibilidade ímpar para reflexões no âmbito do ensino e da aprendizagem de Ciências e de Biologia.

Como apontam Passegi, Nascimento e Oliveira (2016), a pesquisa (auto)biográfica tem por intuito trazer a origem e os modos de ser/estar no mundo dos sujeitos. Esse tipo de pesquisa preocupa-se em compreender as experiências, as formas de existir e de pensar dos indivíduos pesquisados, de modo que esse método “[...] *convoca as complexas relações que o indivíduo estabelece com representações, crenças e valores que circulam em seu entorno, mediante uma infinidade de narrativas, que lhes são transmitidas e as que ele próprio elabora sobre o que acontece e o que lhe acontece*” (PASSEGI; NASCIMENTO; OLIVEIRA, 2016, p. 114). E levam em consideração todo o contexto social, cultural, político e histórico dos participantes (FURTADO; SOUZA, 2021).

Sobre as narrativas autobiográficas, Silva (2017) aponta que são subjetivas e permitem um emergir de diferentes “eus”, ou seja, trazem à tona as histórias dos indivíduos, aquilo que é próprio às suas experiências de vida, sendo, portanto, algo subjetivo. Esse ato de narrar centra-se na “[...] captura dos significados de uma cultura/pessoa, em lugar da medição dos aspectos observáveis dessa cultura/pessoa; o foco é na natureza qualitativa e prolixa do mundo, em substituição de sua representação numérica” (SILVA, 2017, p. 22). Nesse viés, é fundamental entender a constituição da própria linguagem, desconsiderando-a como transparente e como uma descrição exata da exterioridade, ou seja, da relação sujeito-mundo. Pautamo-nos nesses aspectos, em busca de compreender as histórias de vida dos indivíduos que participaram da construção de uma Bionas e que também são autores deste estudo.

A construção das (bio)narrativas se deu no âmbito da Caravana da Diversidade. Trata-se de um evento itinerante desenvolvido por pesquisadores de diferentes regionalidades, e que conta com a participação de discentes e docentes também regionalmente diversos, com distintas formações (HOFFMANN; SCHIRMER, 2020). Durante a Caravana, após uma série de discussões entre os meses de agosto e setembro de 2021 sobre temáticas relacionadas ao Ensino de Ciências, numa perspectiva multicultural e voltada à diversidade, os participantes dividiram-se em grupos para trabalharem a partir de temáticas do evento para a construção de Bionas. Vale destacar que a edição em questão do evento ocorreu ainda durante as medidas de distanciamento social da pandemia da Sars-CoV-2, o que levou a sua realização de modo

remoto (on-line). Entre as temáticas abordadas no evento<sup>1</sup> estavam questões como: diversidade cultural e alimentar (mandioca, farinha, feijão-tropeiro, tucupí, tacacá, entre outros); biodiversidade e a relação homem-natureza (fauna e flora urbana), expressões culturais diversas (como, por exemplo, as tradições de Bumba-meu-boi e Boi-bumbá).

Na construção de nossa Bionas, assim como Cereja et al. (2019, p. 2), que participaram de uma versão anterior da Caravana e desenvolveram um trabalho com a temática “fauna urbana”, buscamos, neste outro contexto, “[...] (re)pensar a respeito da nossa relação com a natureza, intencionando trazer outras possibilidades de reflexão sobre a relação homem-natureza, desvinculando-se, assim, de perspectivas estritamente antropocêntricas”.

Para a construção da Bionas, inicialmente elaboramos um roteiro com o intuito de produzir um *podcast*<sup>2</sup>. Em um primeiro momento desenvolvemos uma releitura de um trecho da obra de Lewis Carroll (2022 [1865]), “Alice no país das Maravilhas”. Nessa releitura, o trecho foi interpretado pelos autores da bionarrativa, o que consistiu em um diálogo entre quatro personagens: o narrador, Alice, o Gato e o Chapeleiro Maluco. Toda a trama foi reescrita com base nas histórias de infância de uma das autoras da Bionas.

Após a releitura da obra num viés autobiográfico, em um segundo momento foram escritas narrativas dos quatro professores de Biologia (formados e em formação) que participaram desta produção autoral. Nesse sentido, propôs-se que cada um trouxesse memórias de sua relação com a natureza na infância, de modo a emergir relações de afeto.

Por fim, em um terceiro momento, elaboramos explicações biológicas a respeito das temáticas emergentes. A partir disso, utilizamos o aplicativo Anchor para a gravação do *podcast*<sup>3</sup>.

### **Produzindo um *podcast* de releituras e autobiografias**

O *podcast*<sup>4</sup> inicia-se com uma contextualização do enredo da história, que, como dissemos, tratou-se de uma adaptação da obra “Alice no país das Maravilhas” (CARROL, 2022). Essa adaptação ocorreu a partir da narrativa autobiográfica de uma das autoras deste trabalho.

Natural do interior do Amazonas, a autora em questão teve a sua infância marcada por um contexto de intensa relação com a natureza, conforme é destacado no trecho a seguir:

Eu fui uma criança comum, que brincava pelas ruas e no quintal de casa. A cidade que nasci e morei durante boa parte da minha infância e adolescência se chama Urucurituba, e fica no interior do estado do Amazonas, aproximadamente 343 km de distância da capital [...] O que lembro da minha infância [...] é que as ruas não eram asfaltadas. [...] Eu fui a criança que tomava biotônico Fontoura e Emulsão de Scott para comer bem e, ao mesmo tempo, comia fruta direto do “pé” das árvores que tinham no quintal de casa ou da escola.

<sup>1</sup> Informações sobre a programação desta Caravana da Diversidade podem ser obtidas em: <https://doity.com.br/caravana-caboquinha-da-diversidade#registration>.

<sup>2</sup> De forma geral, trata-se de “ [...] um conteúdo em áudio, disponibilizado através de um arquivo ou *streaming*, que conta com a vantagem de ser escutado sob demanda, quando o usuário desejar”. Disponível em: <https://resultadosdigitais.com.br/marketing/como-criar-um-podcast/>. Acesso em: 11 nov. 2022.

<sup>3</sup> Disponível em: [https://anchor.fm/?adjust\\_referrer=adjust\\_reftag%3Dxerg35imcUuG&gclid=aw.ds&https%3A%2F%2Fanchor.fm%2F](https://anchor.fm/?adjust_referrer=adjust_reftag%3Dxerg35imcUuG&gclid=aw.ds&https%3A%2F%2Fanchor.fm%2F). Acesso em: 12 nov. 2022.

<sup>4</sup> Disponível em: [https://open.spotify.com/episode/35LZIWHzFdbYScnSooGVT?si=xAV8vpZ-SuOUGLWd\\_zJovw&utm\\_source=whatsapp](https://open.spotify.com/episode/35LZIWHzFdbYScnSooGVT?si=xAV8vpZ-SuOUGLWd_zJovw&utm_source=whatsapp). Acesso em: 12 nov. 2022

Com base na (bio)narrativa apresentada, podemos dizer que esse contexto de infância é bastante diferenciado do que normalmente temos em grandes centros urbanos. Há uma intensa relação com a natureza, o que é evidenciado em trechos como “comia fruta direto do ‘pé’ das árvores que tinham no quintal de casa ou da escola”. Este e outros trechos da narrativa da autora apontam para perspectivas de humanização, a partir de relações que aproximam os seres humanos de outras espécies de nosso planeta (PAGAN, 2018).

Essa relação com a natureza é ainda mais evidente em outros trechos da narrativa da autora que inspirou a releitura da história de Alice. Essa questão é igualmente visível na segunda parte do podcast, na qual elabora-se narrativas autobiográficas de cada um dos autores da Bionas. Alguns trechos da narrativa da primeira autora deste estudo são destacados a seguir:

No quintal de casa tínhamos várias árvores, como as aceroleiras, que eram as minhas favoritas [...] eu e minha irmã fizemos uma casinha debaixo das aceroleiras onde passávamos horas brincando de boneca, floresta, panelinha etc. Ela era a minha árvore favorita, não só pela fruta, mas também porque toda vez via nela os “soldadinhos” que eu achava fascinantes. Como eram tão bonitos! [...] Muitas vezes, comi acerolas olhando para esses pequenos bichinhos. Eu achava curioso como eles começavam a crescer por meio dos ovinhos brancos que deixavam nas folhas, e depois viravam um “bicho” branco e peludo que me dava medo, até se formar aquele inseto com asas pretas e brancas. Eu não entendia como isso era possível [...]. Só sei que era meu *hobby* de infância todos os dias ir olhar eles no quintal de casa.

De nome científico *Membracis foliata* [Linnaeus, 1758 - *Hemiptera: Membracidae*], há mais de 2.300 espécies e 600 gêneros encontrados em quase todos os continentes, principalmente, na América latina (SANTOS NETA, 2021). Os soldadinhos, também conhecidos como viuvinhas, são insetos pertencentes a um grupo próximo às cigarras. Vivendo em grupos, são comumente encontrados em arbustos quando jovens e em espécies lenhosas na fase adulta, e são predadores de aracnídeos e invertebrados de pequeno porte. Esse inseto também é encontrado na literatura com o nome *Membracis lunata* (SANTOS NETA, 2021, BOURLARD, 1979). São esses “bichinhos” que, a partir da afetiva relação da autora, inspiram a releitura da obra de Alice, num recontar da história em moldes autobiográficos.

Por meio das narrativas autobiográficas, pudemos ver que a relação de infâncias com a fauna também é uma realidade em contextos de maior urbanização. A seguir, apresentamos um trecho da narrativa autobiográfica desenvolvida por outro autor deste estudo:

Cresci numa cidade relativamente grande, chamada Ribeirão Preto, e que está localizada na região noroeste do estado de São Paulo. Hoje, Ribeirão tem quase 700 mil habitantes [...] após anos economizando, meu pai comprou um terreno na região mais periférica da cidade [...]. Nesse bairro, o tráfico de drogas sempre foi intenso! Por isso, durante a minha infância nunca pude sair para brincar na rua, visto que havia tiroteio todos os dias. [...] Logo, quando mudamos [...] só tinha o chão cimentado os cômodos internos da casa. Tanto o quintal quanto a calçada era aquele terrão vermelho, terra batida. [...] Adorava ver como outros insetos andavam ali entre plantas que nasciam no quintal (na época, nunca entendi como elas apareceriam ali, do nada, mas, com certeza, eram sementes que vinham com o vento ou com animais/insetos que disseminavam elas). E o mais importante: naquele quintal, a gente criava bichos.



Nota-se, por esta narrativa, as dificuldades de crescer em meio a uma região periférica de uma cidade de grande porte. Não podendo sair de casa devido à violência que acometia o bairro em que morava, a relação de afetividade do autor com as formas de vida que habitavam aquele quintal tornou-se um meio de desenvolver e (re)criar a própria realidade por meio de aspectos de criatividade e curiosidade próprios ao desenvolvimento da criança.

Sobre a questão, pautados nas teorias de Vygotsky, Queiroz, Maciel e Branco (2006) apontam que nascemos em uma dada cultura, com os seus significados sociais estabelecidos e produzidos no limiar da história, mas que são frequentemente modificados pelos sujeitos, adquirindo outras significações, face ao seu desenvolvimento. Nesse viés, “[...] a brincadeira e o jogo de faz-de-conta seriam considerados como espaços de construção de conhecimentos pelas crianças, na medida em que os significados que ali transitam são apropriados por elas de forma específica” (QUEIROZ; MACIEL; BRANCO, 2006, p. 171).

Nesse sentido, ao observar as formas de vida existentes naquele quintal, o narrador expressa não apenas uma relação de afetividade como também de criatividade, inclusive no sentido de espírito investigativo, algo caro ao Ensino de Ciências e apontado como fundamental nos anos iniciais da escolarização por estudos como os de Rodrigues e Rodrigues (2018) e Santana, Capecchi e Franzolin (2018). Essa curiosidade investigativa é vista em momentos em que o narrador afirma que: “[...] *nunca entendi como elas apareceriam ali [plantas no quintal], do nada, mas, com certeza, eram sementes que vinham com o vento ou com animais/insetos que disseminavam elas*”. Sendo a dispersão de sementes uma questão da Biologia, vemos que o narrador alia os seus conhecimentos, enquanto professor da área, para explicar a sua aguçada curiosidade no passado quanto às plantas que nasciam “repentinamente” no quintal.

Com base nas narrativas autobiográficas de todos os autores deste trabalho, e tendo a narrativa da primeira autora como a principal no recontar da história de Alice, desenvolvemos um diálogo que se caracterizou como a primeira parte do podcast. Esse diálogo inicia-se com o narrador contando a história de Alice, que, nessa outra versão da história, é revisitada sob o olhar de singularidade da narrativa de infância da referida autora.

A seguir, apresentamos um trecho, no qual podemos ver movimentos intertextuais e interdiscursivos<sup>5</sup>, ou seja, a relação entre os seguintes textos e discursos: a narrativa autobiográfica mencionada e a adaptação, com base nesta narrativa, da história de Alice.

**Narrador:** Alice é uma garota de 12 anos. Natural do interior do Amazonas, da cidade de Urucurituba [...] na transição entre a infância e a fase adulta, na controversa puberdade, Alice ainda mantém firme em suas memórias uma infância maravilhosa. Tudo ia muito bem, até que, em um inverno muito gelado, incomum para o contexto amazônico, Alice começa a não mais notar aquilo que em outros momentos lhe foi tão importante: o quintal da sua casa! Quando se dá conta, percebe que simplesmente tudo se tornou concreto. Seu quintal desaparece, e junto com ele os seus valorosos soldadinhos. Não, não estamos falando de soldados de guerra [...] eram insetos que Alice tanto contemplava e brincava em sua infância. Aliás, o quintal de Alice era repleto

---

<sup>5</sup> De acordo com Fiorin (2006, p. 52) “Se há uma distinção entre discurso e texto, poderíamos dizer que há relações dialógicas entre enunciados e entre textos. Assim, deve-se chamar intertextualidade apenas as relações dialógicas materializadas em textos. Isso pressupõe que toda intertextualidade implica a existência de uma interdiscursividade (relações entre enunciados), mas nem toda interdiscursividade implica uma intertextualidade. Por exemplo, quando um texto não mostra, no seu fio, o discurso do outro, não há intertextualidade, mas há interdiscursividade”. Destarte, por se tratar de elementos comuns a textos (narrativas e histórias reescritas em um roteiro de um podcast), consideramos que há essas duas relações: discursivas e textuais.

de galinhas, corujas, tucanos, macacos, formigas... enfim, o quintal de Alice, tão mágico quanto o seu coração de criança, era fantástico! E tudo aquilo, soterrado pelo concreto mais frio, sumiu. Não apenas o quintal, mas as memórias de Alice começam a desaparecer também.

Neste trecho, que inicia a história, há elementos que dialogam com os textos das narrativas autobiográficas, como, por exemplo, quando são relatadas questões regionais e culturais de Alice, que são as mesmas da primeira autora deste trabalho, ou quando se faz descrições sobre o seu quintal com soldadinhos. Outras descrições, como, por exemplo, a presença de “galinhas, corujas, tucanos, macacos, formigas” no quintal da personagem, devem-se por esses animais serem citados nas narrativas dos quatro integrantes que elaboraram as Bionas, sendo que, além dos relatos destacados, os outros integrantes habitaram em suas infâncias cidades do norte do país, a saber: Monte Alegre – PA e Manaus – AM. Ambos tiveram as suas infâncias marcadas pela mesma relação com a fauna urbana que os outros dois autores. Essa relação entre fauna e flora urbana foi pensada a partir do que foi discutido ao longo da Caravana da Diversidade e com base nos trabalhos de Pagan (2018) e Cereja et al. (2019).

Após apresentar o contexto da história numa perspectiva de entrecruzamento da narrativa autobiográfica com a obra literária, iniciou-se a seguinte descrição:

**NARRADOR:** Num “belo dia”, Alice dorme e, ao acordar, observa que em sua cama havia um coelho. Alice, sempre muito curiosa, porém já não tão afetiva com os animais após aquele “chá de sumiço” de suas mais belas e lúdicas memórias, acaba por correr atrás do coelho danado. No meio dessa correria, Alice “CATABOOM” ... cai num buraco, que, provavelmente, é a toca do coelho. Ao acordar novamente, dessa vez após o tombo, Alice percebe que está num lugar completamente diferente. Numa mata fechada, sentada numa cadeira, o chá estava servido por um chapeleiro maluco e um gato sorridente.

A partir daí, iniciou-se um diálogo entre os personagens principais da história: Alice, o Gato e o Chapeleiro Maluco, personagens clássicos da obra original. Esse diálogo começa com Alice questionando o Chapeleiro Maluco sobre o lugar em que estava. Marcado por tons de ironia, o Chapeleiro dá o tom do motivo pelo qual Alice estava naquele lugar desconhecido ao dizer:

**Chapeleiro:** “A pergunta não é onde você está, senhorita Alice. Mas porque e para que!”.

Ao ver Alice afoita por respostas, em seguida, o Chapeleiro complementa:

**Chapeleiro Maluco:** Ora, ora..., mas porque tantas perguntas e pressa? Pois, tomemos um chá... ou chás também já não lhe interessam, cara Alice? Será que o único chá que tomaste é o de sumiço de suas mais sublimes memórias de infância? Sabes por que estás em pleno esquecimento das suas origens, minha queridinha?

Nesse recontar e rememorar de histórias, marca-se um movimento argumentativo que busca questionar o desinteresse de Alice pela infância e pelas memórias a ela relacionada. Propositamente, marca-se no trecho um desligamento de Alice, na adolescência, daquilo que lhe era tão caro na infância: o lúdico, o brincar em meio à natureza. Isso demarca um apagamento comum à vida adulta, no qual nos afastamos do processo criativo e das



afetividades criadas da infância, num cessar de habilidades que outrora tivemos.

Sobre a questão, Azevedo, Morais e Martins (2017) apontam que os estudos sobre a criatividade vêm de longa data, e que há uma série de rápidas e imprevisíveis mudanças no mundo atual, que impõem ao cidadão comum e às lideranças mundiais desafios que necessitam de soluções criativas. Essa criatividade pode, inclusive, ser desenvolvida no contexto escolar. Porém, os autores apontam que há uma queda dessas competências na adolescência por diferentes motivos. Entre eles estão as expectativas sobre o “outro” e questões da puberdade. Nesse sentido, junto às questões escolares, que, por vezes, levam a práticas de repetição com pouca criatividade, há um cessar desta questão na adolescência, o que nos leva a nos afastarmos de afetividades relacionadas à infância.

Ao mesmo tempo, a partir desse contexto de Alice e do rompimento com as suas afetividades da infância, entendemos que, em uma sociedade cada vez mais urbanizada, ocorre a fragmentação da relação homem e natureza, de tal modo que, se outrora crescemos em meio a quintais e ruas que possibilitavam o contato com diferentes formas de vida, cada vez mais temos a subjetividade apagada por diferentes “concretos”, ou seja, pelos processos de urbanização e em decorrência de uma sociedade capitalista que regula modos de ser/estar no mundo. Neste ínterim, Leite e França (2007) apontam que os seres humanos, com as suas várias atividades que impactam o meio ambiente, acabam por limitá-lo com os processos de urbanização e industrialização. Então, o que temos é a coexistência entre seres vivos em meio ao ambiente urbano. Daí, a necessidade de reconhecermos essa (bio)diversidade urbana e refletirmos sobre ela e a sua preservação.

Podemos dizer ainda que, se outrora o processo criativo e o “ser criança” se dava na relação com o mundo natural, na contemporaneidade vemos um afastamento deste em meio a uma sociedade virtualizada, marcada pelo advento da internet e outras tecnologias. Entre muitas questões relacionadas às potencialidades e aos riscos da internet, Monteiro e Osório (2015, p. 36) apontam que existe “[...] a previsão de que a infância está destinada a desaparecer, corrompida pelas informações agora ao alcance das crianças e comportamentos nelas provocados”. Então, como possibilitar essa relação de afetividade e autoconhecimento entre o homem e os outros seres vivos que habitam este planeta diante dessas questões?

Alicerçada numa perspectiva de autoconhecimento e valorização da relação do homem com outros seres da natureza (PAGAN, 2018), a história recontada de Alice pauta-se em ir de encontro aos interesses nefastos da “Rainha Má”, caracterizada como a “Messias do Concreto”. Em alusão ao momento político que vigorou entre os anos de 2018 e 2022, o qual teve como representante máximo um sujeito que colaborou para desafetos e o cessar de sonhos, esperanças e vidas, nesta história, a personagem criou um castelo de concreto sobre o poço dos sonhos com a pretensão de selá-lo para sempre. Nesse poço, havia memórias afetivas das pessoas de todo o mundo, incluindo as de Alice, e cabia à jovem salvá-las. Nesse limiar entre o lúdico e a realidade ao fazer referência ao contexto político nacional, na história, Alice deveria ir até o “Palácio do Planalto” para cumprir tal missão, e isso seria feito junto ao Gato e ao Chapeleiro, conforme aponta o trecho a seguir:

**NARRADOR:** Os soldadinhos, insetos que habitavam o quintal de Alice, passaram a ser soldados feios, cruéis e que destruíam tudo o que viam pela frente! As mentiras da Rainha Má fizeram uma verdadeira lavagem cerebral nos pobres bichinhos, que multiplicaram exponencialmente de tamanho e atingiram cerca de 3 metros de altura! Encurralados, nossos heróis

elaboraram um plano para escapar dessa enrascada.

Em meio ao desenvolver da trama, outras interdiscursividades são estabelecidas, entrelaçando sentidos das narrativas autobiográficas aos de outras narrativas, como mostra-se a seguir. Essas relações entre discursos podem ser observadas, na íntegra, no podcast (Bionas).

**Gato:** Well, well, well... ops, não é a história da Malévola. Bem, Alice.

**Gato:** Pois então, seus soldados tão inocentes e belos, foram corrompidos pela maldade e mentira da Rainha má de concreto, e agora estão sob o controle dela, minha querida. Tudo depende de suas escolhas. A partir de agora, é com você. Não lembro bem, mas alguém disse que “Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas”, ou algo assim. Mas não importa... apenas ACORDA, ALICE!

**Chapeleiro Maluco:** Elementar, minha cara... tenho aqui um relógio de bolso. Se você inverter os ponteiros poderá explodir tudo com o choque entre o passado, o presente e o futuro. Para isso, além de rodar os ponteiros ao contrário, você precisa rememorar os seus mais belos sentimentos da infância, cara Alice. Quando você explodir tudo ali, não apenas o poço vai se abrir, como o castelo vai ruir e, automaticamente, você voltará ao seu mundo... acordará desse maluco sonho (será mesmo um sonho, Alice?).

Nos termos grifados podemos ver referências a(ao): a) uma produção fílmica, *Malévola*, que, baseada no clássico infantil “A Bela Adormecida”, tem em seu enredo lúdico uma intrínseca relação da personagem principal com a natureza, visto que esta protege dois mundos: o mágico reino dos *Mors* e o dos humanos<sup>6</sup>; b) uma gíria comum à cultura LGBTQIA+, o que deve ser considerado como uma expressão das subjetividades dos sujeitos que produziram esta Bionas, visto que dois dos professores participantes são homossexuais e pertencem a esta cultura, expressando-a neste trabalho e em outro desenvolvido anteriormente (CEREJA et al., 2019); c) outra produção fílmica, numa alusão ao clássico personagem do cinema Sherlock Holmes, que, utilizando o método científico e a lógica dedutiva, investiga casos misteriosos de difícil solução<sup>7</sup>.

Esse movimento de interdiscursividade tem sido comum em audiovisuais que circulam pelas grandes mídias, tais como o cinema e os videoclipes. Estudando sobre a questão em videoclipes no âmbito do *pop music*, como em trabalhos como Montalvão Neto, Santana e Rocha (2020), Rocha, Montalvão Neto e Coelho (2020) e Montalvão Neto, Rocha e Silva (2021), um dos autores deste estudo constatou que essa interação discursiva rompe com certas barreiras, principalmente ao dar visibilidade a outros discursos, mais especificamente a vozes outrora marginalizadas, como é o caso da cultura LGBTQIA+. Nesse âmbito, esse imbricamento entre sujeitos e sentidos permite não apenas relações identitárias e de autoconhecimento, como abre margens para existências socioideológicas, dialogando também com a cultura científica e as questões ambientais.

Por fim, a história encerra-se com as seguintes palavras:

**NARRADOR:** Então, tudo o que foi planejado, foi executado. O Gato, sempre sorridente, distraiu os soldadinhos guerreiros. Alice correu com o

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-201429/>. Acesso em: 12 nov. 2022.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-127179/>. Acesso em: 12 nov. 2022.

chapeleiro até o castelo. Enquanto o chapeleiro ilude a Rainha Má de Concreto, Alice, na surdina, vai até a sala mais abaixo do castelo, na qual, sob o chão, está silenciado o poço dos sonhos. Alice então faz tudo o que recomendou o chapeleiro e “CATABOOM!”, explode o poço! Num passe de mágica, Alice ACORDA EM SUA CAMA!

Por meio destes aspectos lúdicos, abre-se margem para que, no podcast, sejam retratadas tanto as narrativas autobiográficas de cada um dos autores da Bionas, quanto conceitos biológicos relacionados. Isso é feito a partir de conceituações na terceira parte da Bionas e que foram idealizadas por meio das seguintes questões: “a) O que é o soldadinho, biologicamente falando? b) Que relações homem-natureza as nossas histórias nos contam?”.

A partir dessas questões, não apenas tecemos uma definição biológica sobre o que é o “soldadinho”, como também abordamos questões relacionadas ao tópico “homem-natureza”, bem como trouxemos noções como habitat, nicho ecológico, cadeia alimentar e relações ecológicas, considerando que tais questões estavam presentes nas descrições subjetivas feitas a partir das memórias de cada um dos (bio)narradores sobre as suas infâncias e quintais.

### **Considerações finais**

No presente estudo tivemos como pretensão trazer alguns aspectos relacionados às afetividades e autoconhecimentos no âmbito de uma experiência de elaboração um podcast no Ensino de Biologia. Abordamos esses aspectos por meios da elaboração de uma bionarrativa social, fundamentada em aspectos teóricos e metodológicos das narrativas autobiográficas. Fizemos isso por compreendermos que este trabalho permitiria olhares outros para as relações de ensino-aprendizagem, incluindo a formação de professores, inicial ou continuada.

Enquanto sujeitos que olham para as suas próprias produções, singularidades e subjetividades, por meio deste estudo reafirmamos o compromisso com a diversidade. Desse modo, esperamos contribuir com reflexões que minimizem aspectos históricos que colocam a Ciência em moldes de objetividade e neutralidade, e que também são comuns ao Ensino de Ciências e Biologia. Isso porque, a nosso ver, isso tem afastado historicamente a população da possibilidade de apropriação dos conhecimentos científicos, o que leva, conseqüentemente, ao atual cenário político-ideológico no qual predomina um descrédito ao conhecimento científico e usos acrílicos da(s) tecnologia (s).

### **Agradecimentos e apoios**

O presente estudo foi desenvolvido com apoio CNPq e CAPES.

### **Referências**

- ABRAMOWICZ, A.; RODRIGUES, T. C.; CRUZ, A. C. J. da. A diferença e a diversidade na educação. **Contemporânea - Revista de Sociologia da UFSCar**, São Carlos, v. 1, n. 2, p. 85-85, 2011.
- AZEVEDO, I.; MORAIS, M. de F.; MARTINS, F. Educação para a criatividade em adolescentes: Uma experiência com future problem solving program internacional. **REICE - Revista Electrónica Iberoamericana sobre Calidad, Eficacia y Cambio en Educación**, Madrid, v. 15, n. 2, 2017.



- BARBOSA, A. T.; FERREIRA, G. L.; KATO, D. S. O ensino remoto emergencial de Ciências e Biologia em tempos de pandemia: com a palavra as professoras da Regional 4 da Sbenbio (MG/GO/TO/DF). **Revista de Ensino de Biologia da SBenBio**, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 379-399, 2020.
- BOULARD, M. Missions entomologiques en Guyane et au Brésil. Introduction, notes de chasses et principaux résultats. **Bulletin de la Société entomologique de France**, v. 84, n. 5-6, p. 101-117, mai-jun. 1979.
- BORTOLOCI, D. F.; BAROLLI, E. Produção de narrativas na formação inicial de professores: uma possibilidade para a constituição de espaços intersticiais. **Enseñanza de las ciencias: revista de investigación y experiencias didácticas**, n. Extra, p. 1414-1417, 2009.
- CARROLL, L. **Alice no país das maravilhas**. Rio de Janeiro: Editora Bibliomundi Serviços Digitais, 2022.
- CEREJA, J. H. de A.; MONTALVÃO NETO, A. L.; JESUS, G. de L. S. de; ODA, W. Y.; PAGAN, A. A. S et al. Por um (re) pensar no ensino de Biologia: bionarrativas sociais como forma de ressignificação. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, 13., Caldas Novas. **Atas...** ABRAPEC: Caldas Novas, 2021. p. 1-8.
- DURÉ, R. C.; ANDRADE, M. J. D. de; ABÍLIO, F. J. P. Ensino de biologia e contextualização do conteúdo: quais temas o aluno de ensino médio relaciona com o seu cotidiano? **Experiências em ensino de ciências**, v. 13, n. 1, p. 259-272, 2018.
- FURTADO, S.M.K.; SOUZA, R.H. de. Análise fenomenológica das representações mentais de alunos do ensino fundamental na perspectiva do resgate da História e da Filosofia da Ciência. **Investigação, Sociedade e Desenvolvimento**, [S. l.], v. 10, n. 16, pág. e570101624221, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i16.24221. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/24221>. Acesso em: 9 mar. 2023
- HOFFMANN, M. B.; SCHIRMER, S. B. Caleidocampo: (multi)olhares na Educação do Campo e Ensino de Ciências. **Revista da Extensão**, n. 20, p. 10-18, 2020.
- KATO, D. S. (Org.). **BIONAS para a formação de professores de biologia**: experiências no observatório da educação para a biodiversidade. São Paulo: Livraria da Física, 2020.
- LEITE, M. E.; FRANÇA, I. S. de. Reflexões sobre a sustentabilidade urbana: novo modelo de gestão ambiental da cidade. **Revista Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 8, n. 22, p. 137-142, set. 2007.
- MATSUNO, V. M. **Contribuições do pensamento de Paulo Freire para o ensino de biologia**. 123 f. Tese (Doutorado em Educação: Currículo). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021.
- MONTALVÃO NETO, A. L.; MIGUEL, K.; GIRALDI, P. M. Paradigmas, hipóteses e descobertas: O Ensino de Biologia e as Leis de Mendel. In: X Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, 2015, Águas de Lindóia. **Atas...** Águas de Lindóia, ABRAPEC, 2015.
- MONTALVÃO NETO, A. L.; MIGUEL, K. da S.; JUSTINA, L. A. D. Sobre o não-lugar da genética de populações. **Revista Insignare Scientia - RIS**, Cerro Largo, v. 4, n. 3, p. 3-21, 2021.
- MONTALVÃO NETO, A. L.; ROCHA, G. G. S. da; SILVA, F. V. da. Discursos relativos à ciência e ao feminino no videoclipe genius: a materialização do machismo a partir do binômio

razão e emoção. **VERBUM – CADERNOS DE PÓS-GRADUAÇÃO**, São Paulo, v. 10, n. 03, p. 240-259, 2021.

MONTALVÃO NETO, A. L.; SANTANA, W. K. F. de; ROCHA, G. G. S. da. “Em toda sua Glória e Alegoria!”: interação discursiva em videocliques de Glória Groove. **RevLet – Revista Virtual de Letras**, Jataí, v. 12, n. 02, p.80-99, ago./dez. 2020.

MONTEIRO, A. F.; OSÓRIO, A. J. Novas tecnologias, riscos e oportunidades na perspectiva das crianças. **Revista Portuguesa de Educação**, Minho, v. 28, n. 1, p. 35-57, 2015.

PAGAN, A. A. O ser humano do Ensino de Biologia: uma abordagem fundamentada no autoconhecimento. **Revista entreideias: educação, cultura e sociedade**, Salvador, v. 7, n. esp., p. 73-86, 2018.

PASSEGGI, M.; NASCIMENTO, G.; OLIVEIRA, R. A. M. de. As narrativas autobiográficas como fonte e método de pesquisa qualitativa em Educação. **Revista Lusófona de Educação**, Lisboa, n. 33, p. 111-125, 2016.

QUEIROZ, N. L. N. de; MACIEL, D. A.; BRANCO, A. U. Brincadeira e desenvolvimento infantil: um olhar sociocultural construtivista. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 16, p. 169-179, 2006.

RODRIGUES, C. S. C.; RODRIGUES, M. A. Refletindo sobre o ensino de ciências com professores dos anos iniciais por meio de uma sequência de ensino investigativo. **ACTIO: Docência em Ciências**, Curitiba, v. 3, n. 2, p. 58-79, 2018.

ROCHA, G. G. S.; MONTALVÃO NETO, A. L.; COELHO, C. A. A intertextualidade na construção de sentidos em músicas do pop nacional. In: ENCONTRO VIRTUAL DE DOCUMENTAÇÃO EM SOFTWARE LIVRE E CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUAGEM E TECNOLOGIA ONLINE, 14., 2020. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2020. p. 1-8.

SANTANA, R. S.; CAPECCHI, M. C. V. de M.; FRANZOLIN, F. O ensino de ciências por investigação nos anos iniciais: possibilidades na implementação de atividades investigativas. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, Vigo, v. 17, n. 3, p. 686-710, 2018.

SANTOS NETA, P. L. dos. **Respostas olfativas de Membracis foliata, Linnaeus, 1758 (Hemiptera: Membracidae) à mudas de cacaueteiro e identificação do feromônio de agregação da praga do coqueiro Amerrhinus ynca, Sahlberg, 1823 (Coleoptera: Curculionidae)**. 82 f. Dissertação (Mestrado em Produção Vegetal). Programa de Pós-Graduação em Produção Vegetal. Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2021.

SILVA, P. P. **Estudei a vida e a vida ofereceu-me o ensino: trajetórias identitárias de uma professora-pesquisadora que ensina Ciências**. 134 f. Tese (Doutorado em Ensino, Filosofia e História das Ciências). Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências. Universidade Federal da Bahia e Universidade Estadual de Feira de Santana, Salvador, 2017.

SOUZA, I. A. de; RESENDE, T. R. P. S. Jogos como recurso Didático-Pedagógico para o Ensino de Biologia. **Scientia cum industria**, Caxias do Sul, v. 4, n. 4, p. 181-183, 2017.